

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/0102-469841634>

ANÁLISE SOBRE O CORPO NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE)

Tadeu João Ribeiro Baptista, Augusto César Vilela Gama, Marisa Mello de Lima, Jaqueline
Cordeiro de Brito

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4942>

Submetido em: 2022-10-27

Postado em: 2022-10-31 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ANÁLISE SOBRE O CORPO NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE)

TADEU JOÃO RIBEIRO BAPTISTA¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5140-2032>
<tadeujrbaptista@yahoo.com.br>

AUGUSTO CÉSAR VILELA GAMA²

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9582-7363>
<efpesquisador@outlook.com>

MARISA MELLO DE LIMA³

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4224-134X>
<marisamelima@gmail.com>

JAQUELINE CORDEIRO DE BRITO⁴

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3616-1351>
<jaquelinecordeirodebrito@gmail.com>

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte (RN), Brasil.

² Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal (DF), Brasil.

³ Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia. Goiânia, Goiás (GO), Brasil.

⁴ Associação Pestalozzi de Goiânia. Goiânia, Goiás (GO), Brasil.

RESUMO: O debate sobre o corpo tem sido constante em uma série de campos do conhecimento, principalmente na Educação Física. No Brasil, este debate foi intensificado a partir dos anos de 1980, momento em que o campo da Educação Física começa a se aproximar das ciências humanas. Neste campo, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), e o seu principal evento, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), apresentou as pesquisas de seus participantes por meio dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) a partir de 1997. Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar as concepções de corpo presentes nos anais do CONBRACE, no período de 1997 a 2017. Esta pesquisa é quanti-qualitativa por meio de análise documental, com características bibliométricas. Para compor a análise dos dados, a busca e seleção dos textos se deu a partir da presença da palavra “corpo” no título do texto, no resumo ou nas palavras-chave das comunicações orais. Os resultados demonstram que as principais concepções de corpo estão relacionadas às de corpo cultural; corpo existencial; corpo organismo/máquina; corpo sujeito/corporeidade; e corpo identidade/simbólico, com uma forte aproximação deste debate com as perspectivas das ciências humanas, sociais, a filosofia, e as artes em todo o período investigado. Em conclusão, este estudo analisou e apresentou variadas tendências, as quais, apenas a realidade e a história como critérios de verdade poderão confirmar.

Palavras-chave: Anais, Corpo, Educação Física.

ANALYSIS ON THE BODY IN THE ANNALS OF THE BRAZILIAN CONGRESS OF SPORT SCIENCES (CONBRACE)

ABSTRACT: The debate about the body has been constant in a number of fields of knowledge, especially in Physical Education. In Brazil, this debate was intensified from the 1980s onwards, when the field of Physical Education began to approach the human sciences. In this field, the Brazilian College of Sports Sciences (CBCE), and its main event, the Brazilian Congress of Sports Sciences (CONBRACE), presented the research of its participants through Thematic Working Groups (GTTs) from 1997. Therefore, the objective of this research is to analyze the conceptions of the body present in the annals of CONBRACE, from 1997 to 2017. This research is quantitative-qualitative through document analysis, with bibliometric characteristics. To compose the data analysis, the search and selection of texts was

based on the presence of the word “body” in the title of the text, in the abstract or in the keywords of the oral communications. The results demonstrate that the main conceptions of the body are related to the cultural body; existential body; body organism/machine; subject body/corporeality; and identity/symbolic body, with a strong approximation of this debate with the perspectives of the humanities, social sciences, philosophy, and the arts throughout the investigated period. In conclusion, this study analyzed and presented various trends, which only reality and history as criteria of truth can confirm.

Keywords: Analls, Body, Physical Education.

ANÁLISIS SOBRE EL CUERPO EN LOS ANALES DEL CONGRESO BRASILEÑO DE CIENCIAS DEL DEPORTE (CONBRACE)

RESUMEN: El debate sobre el cuerpo ha sido constante en varios campos del conocimiento, especialmente en la Educación Física. En Brasil, este debate se intensificó a partir de la década de 1980, cuando el campo de la Educación Física comenzó a acercarse a las ciencias humanas. En este campo, el Colegio Brasileño de Ciencias del Deporte (CBCE), y su principal evento, el Congreso Brasileño de Ciencias del Deporte (CONBRACE), presentó las investigaciones de sus participantes a través de Grupos de Trabajo Temáticos (GTT) desde 1997. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación tiene como objetivo analizar las concepciones del cuerpo presentes en los anales de CONBRACE, de 1997 a 2017. Esta investigación es cuantitativa-cualitativa a través del análisis de documentos, con características bibliométricas. Para componer el análisis de datos, la búsqueda y selección de textos se basó en la presencia de la palabra “cuerpo” en el título del texto, en el resumen o en las palabras clave de las comunicaciones orales. Los resultados demuestran que las principales concepciones del cuerpo están relacionadas con el cuerpo cultural; cuerpo existencial; cuerpo organismo/máquina; sujeto cuerpo/corporalidad; e identidad/cuerpo simbólico, con una fuerte aproximación de este debate con las perspectivas de las humanidades, las ciencias sociales, la filosofía y las artes a lo largo del período investigado. En conclusión, este estudio analizó y presentó varias tendencias, que sólo la realidad y la historia como criterios de verdad pueden confirmar.

Palabras clave: Anales, Cuerpo, Educación Física.

INTRODUÇÃO

O debate sobre o corpo tem sido constante em uma série de campos do conhecimento, principalmente na Educação Física. No Brasil, este debate foi intensificado a partir dos anos de 1980, momento em que o campo da Educação Física começa a se aproximar das ciências humanas, fato demonstrado por algumas produções como as de Santin (2003) e Medina (2009, 2010), para citar dois exemplos. De acordo com Daolio (2005), no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.

Em vista disto, este tema tem tido enorme relevância científica e social, pois, compreender a maneira como o corpo é entendido por pesquisadores, professores e alunos em diversos ambientes sociais, implica em alguns aspectos como a compreensão da relação entre o ser humano e a natureza, a organização metodológica da Educação Física como componente curricular na escola ou dos objetivos das aulas em ambientes fora do âmbito escolar, como de academias de ginástica, práticas esportivas e atividades de lazer em parques, clubes e condomínios, assim como, na influência da constituição da autoimagem e autoestima das pessoas de todas as faixas etárias, desenvolvendo, deste modo, a relação corporal de cada pessoa consigo, com os outros e com a sociedade (Castellani Filho *et al.*, 2012; Fernandes & Altmann, 2020; Gama & Baptista, 2020; Moreira, 2003; Silva, 2017; Silva, 2014).

Por outro lado, a relação de cada ser humano com o corpo, dependendo de suas condições psicológicas e/ou sociais pode contribuir também para desenvolver problemas de distorção da imagem corporal como a anorexia, a bulimia, a vigorexia, entre outros (Gama & Baptista, 2020; Moehlecke, Blume, Cureau, Kieling, & Schaan, 2020; Moraes & Guizzetti, 2016; Moral-Agúndez & Carrillo-Dúran, 2020).

Segundo Vigarello (2006), o corpo se tornou o nosso mais belo objeto de consumo, destacando que muitas transformações ocorreram em relação ao corpo e à beleza a partir das mudanças políticas, sociais e culturais de cada época. O corpo é o lócus de atuação da moda, da educação (especialmente da Educação Física), da filosofia, das artes e das ciências, e este fato implica na compreensão das características, capacidades e habilidades desejadas e estabelecidas para cada período da história e em séculos diferentes, isto é, do ponto de vista científico, este tema é estudado, avaliado, compreendido, explicado, interrogado tanto por pesquisadores individuais, como por grupos de pesquisa (Corbin, Courtine, & Vigarello, 2008, 2009a, 2009b; Wolf, 2021).

Em relação aos diferentes pesquisadores e grupos de pesquisa, é frequente a relação destes com entidades científicas das mais variadas matizes e análises, que examinam o corpo em seus aspectos naturais como a anatomia, a fisiologia, o treinamento esportivo, no que diz respeito à saúde e ao desempenho esportivo, nas suas concepções, presentes na filosofia e na epistemologia, em seus vínculos sociais na sociologia, na antropologia e, também, na estética, como é o caso das artes (Gama, 2019).

Uma das entidades científicas no campo da Educação Física brasileira é o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Esta entidade foi criada em setembro de 1978 e possui em sua estrutura uma direção nacional com mandato bianual, secretarias estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs), os quais têm como foco reunir pesquisadores de diferentes regiões do Brasil em relação a um único tema. Também constituem o CBCE a Assembleia Geral – órgão máximo de deliberação – e os Associados – Associados Professores de Graduação e de Pós-Graduação; Associados Graduados; Associados Estudantes da Pós-Graduação; Associados Estudantes da Graduação; Associados Institucionais – (CBCE, 2018).

O CBCE nasce num Brasil endurecido e profundamente marcado pela ditadura militar dos anos 70, período em que é possível constatar a emergência e a proliferação discursiva das vantagens e da importância de espaços de descanso e de diversão do trabalhador, uma preocupação mais acentuada com os usos do tempo livre e deste tempo voltado para a prática de atividades físicas e esportivas; período que promove uma cultura esportiva, um modo esportivo de ser e cultura também um certo tipo de descontração e um certo tipo de corpo, saudável e produtivo (Soares, 2007, p. 128).

Os GTTs foram criados em 1995 durante o principal evento da entidade, em sua 9ª edição, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) que neste ano foi realizado em Vitória, no estado do Espírito Santo, sendo que os trabalhos por GTT estrearam efetivamente no X CONBRACE, realizado em Goiânia, estado de Goiás, em 1997. De lá para cá, houve mudanças nestes grupos, alguns foram extintos, outros criados de acordo com as necessidades da comunidade acadêmica vinculada ao CBCE. No Congresso de 1997, o debate sobre o corpo era um tema transversal para todos os GTTs, no qual nenhum dos grupos agregava pesquisadores específicos sobre o tema. Todavia, pesquisas sobre o corpo estiveram presentes em vários GTTs, entre eles o de Escola, o de Epistemologia, dentre outros (Grando *et al.*, 2007).

De acordo com Grando *et al.* (2007), foi em 1999, no CONBRACE de Florianópolis, estado de Santa Catarina, que apresentaram o GTT Memória, Cultura e Corpo (GTTMCC) para se discutir temas relacionados à história da Educação Física, de modo que em 2004 surge a necessidade de debate sobre o corpo e a cultura em um espaço específico no interior do CBCE. Desta forma, entre os 14 GTTs atuais, existe o GTT Corpo e Cultura (GTTCC) com a sua primeira participação no XIV CONBRACE em 2005, sendo este também o ano da primeira edição do Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) que passara a ocorrer simultaneamente com o CONBRACE.

A produção do GTTCC sempre foi um foco de reflexão com uma série de pesquisas e publicações sobre. Entre elas estão os trabalhos de Baptista *et al.* (2015) e um número especial da Revista Arquivos em Movimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado por Baptista e

Lüdorf (2014). Neste número foram apresentados balanços sobre o tema em todo o Brasil, com as análises sendo realizadas por regiões geográficas do Brasil, fracionadas em: Centro-Oeste (Vilarinho Neto, Baptista, Silva, Leocádio, & Silva, 2014); Nordeste (Viana & Farias, 2014); Norte (Alencar, 2014); Sudeste (Lüdorf, Silva, Baptista, Castro, & Silva, 2014) e Sul (Wenetz, Werle, & Araújo, 2014).

Conforme afirma Soares (2007), talvez o CBCE seja num futuro de esquecimento deliberado um lugar concebível de memória, em que se permita pensar, neste curto recorte de tempo da sua existência – 44 anos em 2022 –, a emergência e a visibilidade das muitas histórias da Educação Física e Ciências do Esporte por meio da configuração de novos problemas, abordagens e objetos.

Destarte, o objetivo desta pesquisa é analisar as concepções de corpo presentes no CONBRACE no período de 1997 a 2017. Como referências centrais, buscamos nos anais do CONBRACE de 1997 em seus diferentes GTTs, entre 1999 e 2003 no GTTMCC, e de 2005 a 2017 no GTTCC.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é quanti-qualitativa por meio de análise documental, com características bibliométricas (Coimbra, Dominski, Correia, & Andrade, 2019; Okubo, 1997; Santos Filho & Gamboa, 1997; Severino, 2013). Para realizar esta análise foram examinados os anais do CONBRACE de 1997 a 2017, verificando a produção sobre o corpo neste importante evento.

Cabe reforçar que em 1997, no X CONBRACE, realizado na cidade de Goiânia, pela primeira vez na história do CBCE, dividiram-se os trabalhos por GTT. Entretanto, conforme foi indicado anteriormente, neste ano não foi criado nenhum GTT sobre corpo, o que veio a acontecer dois anos depois, no XI CONBRACE de Florianópolis, realizado em 1999. Na ocasião, foi criado o GTTMCC. Logo adiante, em 2004, o GTTMCC foi dividido em dois GTTs, durante reunião realizada em Cuiabá, no estado de Mato Grosso, pelo CBCE durante a 56ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o primeiro em GTT Memória da Educação Física e do Esporte (GTTMEFE), e o segundo em GTTCC (Grando *et al.*, 2007).

Pelo menos desde 1997, o CONBRACE divulga os anais do evento com os trabalhos publicados em cada GTT. De modo geral, as comunicações orais aparecem como textos mais aprofundados – resumo expandido a partir de 2017 – e posters como resumos simples.

Por conseguinte, neste estudo, para compor a análise dos dados, a busca e seleção dos textos se deu a partir da presença da palavra “corpo” no título do texto, no resumo ou nas palavras-chave das comunicações orais. Entretanto, com base nas informações sobre a origem dos GTTs, considerando de modo específico o tema “corpo”, com o intuito de analisar os primeiros 20 anos da criação dessa estrutura no interior do CBCE e os 25 anos de ação dos GTTs em 2022, a pesquisa adotou a divisão sugerida por Brito, Lima e Baptista (2021), por considerar que a proposta ajuda a entender os diferentes momentos de criação dos GTTs relacionados ao corpo. Ficando a distribuição dos períodos estabelecida conforme as expressões a seguir: 1) Período de Generalização (1997) – uma vez que não havia um GTT específico, fez-se a busca em todos os GTTs nos anais de 1997; 2) Período de Reconhecimento (1999-2003) – denominado desta forma, pois o Colégio cria um GTT específico para este debate (Memória, Cultura e Corpo – MCC), direcionando a investigação a se deter especificamente neste GTT; e 3) Período de Consolidação (2005-2017) – este último período correspondente a divisão do GTTMCC em GTTMEFE e GTTCC, ficando esta pesquisa restrita a este último.

O fato desta pesquisa se restringir aos trabalhos de comunicação oral publicados nos anais de 1997 a 2017, foi pela necessidade de leitura completa dos textos para se discutir as concepções de corpo presentes nos CONBRACES. Deste modo, identificou-se primeiro o número de comunicações orais de cada ano para, em seguida, serem selecionados os textos pela busca da palavra “corpo” (Tabela 1).

Tabela 1: Textos encontrados nos anais e percentual dos analisados (1997-2017)

Textos	Generalização	Reconhecimento	Consolidação	Total
--------	---------------	----------------	--------------	-------

Apresentadas	241	81	216	538
Analisadas	26	38	143	207
Percentual	10,8%	46,9%	66,2%	38,5%

Fonte: Os autores.

A partir da Tabela 1 se observa um total de 538 comunicações orais apresentadas no período de análise. Em seguida, foram inicialmente selecionados 207 (38,5%) textos para leitura na íntegra por corresponderem aos critérios de inclusão. Contudo, após a leitura, foram identificados textos que não apresentavam concepções explícitas de corpo (Tabela 2).

Tabela 2: Textos analisados e percentual dos que estão sem concepções de corpo (1997-2017)

Textos	Generalização	Reconhecimento	Consolidação	Total
Avaliados	26	38	143	207
Sem Concepções	10	23	42	75
Percentual	38,5%	60,5%	29,4%	36,2%

Fonte: Os autores.

Assim, do total de 207 trabalhos que foram analisados, 75 (36,2%) trabalhos não apresentavam concepções de corpo. Observando cada período, especificamente, foram: 10 (38,5%) na fase de Generalização; 23 (60,5%) no período de Reconhecimento; e 42 (29,4%) na etapa de Consolidação, que não apresentaram concepções de corpo. Logo, têm-se 132 (63,8%) trabalhos possuindo concepção de corpo e aptos para serem analisados. Os textos foram submetidos a uma análise quanti-qualitativa, conforme afirma Santos Filho e Gamboa (1997, p. 105):

Em relação às categorias quantidade-qualidade, as pesquisas com enfoque dialético, no que se refere às técnicas, geralmente utilizam as [fontes] historiográficas, tratando as dimensões quantitativas e qualitativas dentro do princípio do movimento. Essas categorias modificam-se, complementam-se e transformam-se uma na outra e vice-versa, quando aplicadas a um mesmo fenômeno. De fato, as duas dimensões não se opõem, mas se inter-relacionam como duas fases do real num movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos concebê-las uma sem a outra, nem uma separada da outra.

RESULTADOS & DISCUSSÃO

Antes, é importante apresentar dois elementos que podem ajudar a entender o processo de produção do conhecimento sobre o corpo durante os anos do evento. O primeiro, diz respeito à distribuição dos trabalhos de acordo com as regiões, instituições e pesquisadores. Esta análise se justifica, porquanto, a repartição das regiões das instituições e pesquisadores pode ajudar a compreender a concentração da produção do conhecimento sobre um dado tema, bem como, os expoentes na produção do conhecimento em cada período. Também se tem o interesse de vincular a distribuição da produção do conhecimento sobre o corpo com os cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado em Educação Física no Brasil), pois, teoricamente, os principais pesquisadores e grupos de pesquisa possuem – em sua maioria – ligações com Programas de Pós-Graduação (PPGs).

O segundo ponto, e o mais relevante deste estudo, é identificar as principais concepções de corpo em cada momento. Para tanto, foram identificadas certas categorias que expressam as concepções centrais, bem como, se procurou apresentar citações em cada período que indicam as reflexões que levaram ao desenvolvimento de certas compreensões. Logo, estes resultados e discussões estão subdivididos: 1) perfil da produção do conhecimento – regiões, instituições e principais pesquisadores – ; e 2) as categorias das concepções de corpo expressas em cada período delimitado.

Perfil da produção do conhecimento sobre corpo nos anais do CONBRACE: regiões, instituições e principais pesquisadores

De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instância responsável pela avaliação dos PPGs (Mestrado e Doutorado no Brasil), existem 60 Programas de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEFs) – considerando cursos de Mestrado Acadêmico e Profissional, assim como, Doutorado Acadêmico e Profissional –, sendo que destes, 6 (10,0%) estão no Centro-Oeste; 8 (13,3%) no Nordeste; 1 (1,7%) no Norte; 28 (46,7%) no Sudeste e 17 (28,3%) no Sul (Brasil, 2021).

Na Tabela 3 são apresentados os trabalhos analisados por região e período de análise a respeito da produção sobre as concepções de corpo no CONBRACE.

Tabela 3: Distribuição dos textos analisados por região* (1997-2017)

Região	Generalização	Reconhecimento	Consolidação	Total
Centro-Oeste	1	0	38	39
Nordeste	2	0	32	34
Norte	0	0	3	3
Sudeste	12	11	80	103
Sul	4	10	33	47
Internacional**	0	2	1	3
Total	19	23	187	229

Fonte: Os autores.

*Havia a possibilidade de mais de uma menção, pois alguns trabalhos possuem autores de regiões diferentes.

**Dos textos analisados, foram identificados nesta análise três pesquisas realizadas por pesquisadores de outros dois países, sendo um trabalho da Argentina e outro de Portugal em 1999 e um de Portugal em 2007.

Cruzando as informações relacionadas ao número de PPGEFs e a quantidade de trabalhos sobre corpo, de acordo com a informação encontrada por região, é possível identificar que não há correspondência direta entre o número de PPGEFs e o número total de trabalhos publicados como comunicação oral no CONBRACE. Esta informação demonstra algumas possibilidades. A primeira delas seria de que os pesquisadores com publicação nos anais do evento em lide não têm – ou não tinham – uma relação específica com os PPGEFs. Por outro lado, algumas temáticas – como é o caso das concepções de corpo – podem interessar a pesquisadores específicos e por isso não se encontrou tal relação.

Ao se olhar de maneira mais detida, percebe-se um quantitativo de cursos distribuídos em cada região, com o Sudeste possuindo mais PPGEFs, o Sul em segundo, o Nordeste em terceiro, o Centro-Oeste em quarto e, por último, o Norte. Quando se avalia a distribuição de trabalhos nos períodos, verifica-se uma certa similaridade no período de Generalização – Sudeste com mais trabalhos, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte respectivamente –, enquanto no período de Reconhecimento, os trabalhos vieram apenas do Sudeste e do Sul, e no Período de Consolidação, a sequência foi Sudeste, Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte, não demonstrando especificamente haver uma correlação.

Esta análise demonstra que houve um crescimento na produção do tema em algumas regiões, principalmente no Centro-Oeste. As possibilidades para isso são inúmeras, sendo uma delas, o local de realização dos eventos, pois, embora o CONBRACE seja realizado sempre em lugares diferentes, as mudanças provocadas pelas políticas públicas coordenadas, principalmente, no período do governo do Partido dos Trabalhadores (PT), tal como, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão

das Universidades Federais (REUNI)¹, fez com que aumentasse o número de cursos e professores universitários nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas federais de todo o Brasil. Destarte, vários docentes saíram de suas regiões de origem (nascimento e formação), sobremaneira, dos PPGEFs das regiões Sudeste e Sul, que migraram para vários estados do Nordeste, Centro-Oeste e Norte, embora, esta seja uma análise que precisa ser aprofundada em próximos estudos.

Outro aspecto a ser destacado, são os autores que mais apresentaram trabalhos, no qual é possível identificar quem tem publicado de maneira constante sobre o tema ao longo do tempo no CONBRACE. Como forma de estabelecer critérios nesta seleção, optou-se por apresentar até três autores que mais apresentaram trabalhos em cada período. Deste modo, durante o momento da Generalização, a pesquisadora que mais apresentou trabalhos discutindo o corpo e suas concepções foi a professora Terezinha Petrúcia da Nóbrega com dois trabalhos, sendo ela também a participante que mais apresentou trabalhos em todo o CONBRACE de 1997.

Nos outros períodos, os quais contam com mais eventos, foi possível identificar os pesquisadores: Andréa Moreno; Carlos José Martins; e Ivan Marcelo Gomes, cada um com dois trabalhos no período de Reconhecimento. Já no período de Consolidação do tema, tem-se como pesquisadores com maior número de trabalhos, Karenine de Oliveira Porpino com sete trabalhos, Juliana Gomes Saneto e Silvia Maria Agatti Lüdorf com 4 trabalhos, cada uma.

Deve-se apontar ainda que, na somatória de períodos, permanece com maior quantidade de trabalhos apresentados: Karenine de Oliveira Porpino (7); Ivan Marcelo Gomes (5); Juliana Gomes Saneto (4); Silvia Maria Agatti Lüdorf (4); Terezinha Petrúcia da Nóbrega (3); e Carlos José Martins (3).

Destes pesquisadores, Karenine de Oliveira Porpino e Terezinha Petrúcia da Nóbrega são do Nordeste e vinculadas a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e os demais são vinculados a instituições do Sudeste, Ivan Marcelo Gomes e Juliana Gomes Saneto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Silvia Maria Agatti Lüdorf da UFRJ e Carlos José Martins da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Neste aspecto, é possível demonstrar algumas das instituições e regiões que mais produzem sobre corpo no Brasil. Quanto aos principais pesquisadores do Norte, Sul e Centro-Oeste, serão necessários estudos futuros.

Por fim, em relação aos pesquisadores que mais apresentaram trabalhos, Terezinha Petrúcia da Nóbrega, Carlos José Martins e Ivan Marcelo Gomes foram os que mantiveram uma produção em mais de um período, sendo que este último foi o que demonstrou uma elevação em suas produções.

As categorias das concepções de corpo expressas nos anais do CONBRACE

Na Tabela 4, são apresentadas as principais categorias identificadas quando se discute a concepção de corpo nos anais do CONBRACE.

Tabela 4: Categorias analisadas a partir das concepções de corpo (1997-2017)

Categorias de Corpo	Generalização	Reconhecimento	Consolidação	Total
Cultural	0	1	22	23
Existencial	0	2	18	20
Organismo/Máquina	1	1	18	20
Sujeito/Corporeidade	7	1	11	19
Identidade/Simbólico	1	0	16	17
Outras	8	20	86	114

¹ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais é um programa instituído pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto nº 6.096/2007, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Este programa, ajudou na criação e expansão de universidades federais em todo o país, aumentando o número de vagas para estudantes, novos cursos e ampliação do quadro docente.

Total	17	23	171	213
--------------	----	----	-----	-----

Fonte: Os autores.

As concepções de corpo identificadas – com maior prevalência – e categorizadas foram: corpo cultural; corpo existencial; corpo organismo/máquina; corpo sujeito/corporeidade; corpo identidade/simbólico; dentre outras. Diante de todas as categorias predominantes identificadas, é possível apresentar como em cada período os autores expuseram suas compreensões. Contudo, foram selecionadas algumas para demonstrar como elas são evidenciadas considerando os limites de um artigo. Deste modo, este estudo dialogará com as concepções de corpo cultural; corpo existencial; corpo organismo/máquina; corpo sujeito/corporeidade; e corpo identidade/simbólico, justamente por serem as de maior frequência.

Foi muito comum nos textos se evidenciar o corpo como uma construção cultural. Alguns exemplos estão demonstrados a seguir²:

O corpo, pensado em sua diversidade cultural e social, tem sido um ponto central nas reflexões antropológicas [...]. O corpo repleto de símbolos, como nos lembra Mauss, é o instrumento primeiro e o mais natural objeto técnico do homem onde são inscritas as tradições da sociedade. Desta forma, uma pequena ação ou gesto podem traduzir com clareza certos elementos culturais aprendidos pelo indivíduo dentro de sua comunidade (Fassbeber, 2001, p. 2).

E se ele, o corpo, 'fala', o faz através de uma série de códigos, de cheiros, de comportamentos e de gestos que só podem ser 'lidos', ou seja, significados na contextualização de uma dada cultura. Entretanto, isso não quer dizer que os corpos são 'lidos' ou compreendidos do mesmo modo em qualquer tempo e lugar, nem que seja atribuído valor ou importância semelhantes às características corporais em distintas culturas (Kowalski & Ferreira, 2005, pp. 951-952).

De modo geral, pesquisadores que dialogam com a ideia de corpo na perspectiva de uma elaboração cultural, como exposto, tendem a negar ou, ao menos, questionar a ideia do mesmo como uma construção biológica. Este movimento pode ser percebido em alguns textos considerados clássicos no campo da Educação Física, como os de Daolio (2004; 2005).

Correia e Almeida (2020, p. 4) dizem que quando

[...] buscaram pensar nas ações do próprio corpo frente às relações de poder que o atravessam; não interessariam somente os efeitos da cultura sobre o corpo, mas a maneira como acontece a própria ação do corpo nas relações sociais, isto é, numa determinação que não vem apenas de fora e se inscreve nele, mas interna ao próprio corpo.

Também é possível identificar uma aproximação com um autor clássico da antropologia: Marcel Mauss. Este autor traz análises importantes em sua obra *Sociologia e Antropologia* em relação ao debate sobre o corpo como uma construção cultural, sendo um de seus conceitos centrais a análise das técnicas corporais, em que o corpo é um elemento fundamental. Para Mauss (2013, p. 407):

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como 'diversos' desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la.

Deste modo, aparentemente, nas análises dos autores acima, é possível identificar uma forte influência da antropologia. Entender o corpo como instrumento é identificá-lo como uma categoria que apresenta o diálogo entre o ser humano e a natureza, bem como, o meio pelo qual esta cultura é elaborada, inclusive em relação ao próprio corpo.

² Para diferenciar as passagens dos textos analisados na pesquisa realizada nos anais do CONBRACE das citações de autores que são utilizados para dar sustentação teórica ao texto, este estudo adota o itálico para os excertos provenientes dos anais examinados.

Por outro lado, nos dados analisados, é possível identificar o corpo como expressão existencial do ser humano. Esta análise pode ser vista nos excertos abaixo:

O mundo da vida é o lugar onde a coexistência da vida dos corpos-sujeitos é sistematizada e explicitada [...]. Corpo este com capacidade de expressão e palavra, representado por elementos constituintes de subjetividade. Cabe destacar que a singularidade não é uma globalidade uniforme, tampouco uma totalidade, e sim um corpo em falta, sendo constituído por uma rede histórica demandada pelo outro (Schwengber, 1997, p. 226).

Já o que na época revela-se uma novidade para mim – conceber o Ser como sendo o próprio corpo, como uma totalidade indivisível (Medeiros, 1999, p. 1317).

Parece redundante a utilização do termo, pois se tomarmos a definição de Merleau-Ponty o ser é um ser corporal, deste modo para além do que é a definição do termo, importa a sua implicação. O autor nos convida a pensar que o corpo é a dimensão central da existência (Correa, 2009, p. 3).

Nas passagens apresentadas acima, é possível identificar termos como “coexistência”; “totalidade indivisível” e ainda, “existência”. Estas análises se aproximam predominantemente do pensamento do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Para este filósofo, a perspectiva do corpo como o *locus* central de existência é a essência de sua teoria. Ainda, Merleau-Ponty (2011, p. 118), nos esclarece que a atenção à vida é a consciência que tomamos de “movimentos nascentes” em nosso corpo. Tanto que para este autor não se tem um corpo, se é um corpo.

Outro grupo de trabalhos com uma concepção comum encontrada, são os trabalhos nos quais o corpo é comparado a uma máquina. Essa análise é presente em autores que discutem o corpo na perspectiva da biodinâmica. De acordo com Manoel e Carvalho (2011), existem três grandes linhas de pesquisa na Educação Física brasileira, sendo elas; a) biodinâmica; b) sociocultural e; c) pedagógica. Segundo estes pesquisadores:

As linhas de pesquisa na biodinâmica são orientadas pelas ciências naturais (ABERNETHY, 1996; AMADIO; BARBANTI, 2000). A subárea sociocultural trata de temas como esporte, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia. A subárea pedagógica investiga questões relativas à formação de professores, ao desenvolvimento curricular, aos métodos de ensino e à pedagogia do esporte, além de tratar de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação. As subáreas sociocultural e pedagógica definem suas linhas de investigação orientadas pelas ciências sociais e humanas. Nesse sentido, a Educação Física investiga em estreita proximidade com a área da educação (BAIN, 1995; BRACHT, 2006), com a sociologia (BETTI, 2009), com a filosofia (FENSTERSEIFER, 1996; KRETCHMAR, 1994) e com a história (SOARES, 1998) (Manoel & Carvalho, 2011, p. 392).

No caso deste estudo, procura-se a proximidade com o campo sociocultural, entendendo que os pressupostos filosóficos e sociais da Educação Física podem influenciar inclusive na compreensão e intervenção pedagógica como já foi dito anteriormente, trazendo impactos para a formação humana de modo geral. Abaixo segue alguns trechos dos anais analisados sobre a compreensão de corpo máquina:

‘O corpo é considerado uma máquina que funciona segundo os princípios das ‘leis físicas’, portanto, seus movimentos ocorrem por meio da mecânica de seu próprio funcionamento, sendo que a ‘governabilidade’ está relacionada a ela e/ou ao exercício de uma vontade estabelecida por uma razão a priori’ (DESCARTES, 1974, p. 234) (Rodrigues, 1997, p. 1586).

Segundo Foucault, a partir do século XVII desenvolveu-se em nossas sociedades um tipo de poder político que tinha por tarefa gerir a vida do corpo social. Este poder se desdobrava em duas formas principais, dois pólos [sic!] de desenvolvimento interligados por um conjunto de relações intermediárias. O primeiro destes pólos [sic!] centrava-se no corpo como máquina: seu adestramento, ampliação de suas aptidões, ampliação de suas forças, crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, sua integração em sistemas eficazes e econômicos. Este conjunto de procedimentos caracterizariam o poder disciplinar, que configura uma anátomo-política do corpo humano. O segundo, formou-se por volta da metade do século XVIII, focado no corpo-espécie, corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: proliferação, nascimentos e mortalidade, nível de saúde, duração da vida, longevidade, com todas condições que podem fazê-los variar. Tais processos são assumidos

mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores que configuram uma bio-política [sic!] da população. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos [sic!] em torno dos quais se desenvolvem a organização do poder sobre a vida em nossas sociedades. O corpo para Foucault não tem estruturas e necessidades fixas, como quer a perspectiva naturalista, mas pode ser modificado, aperfeiçoado, e suas necessidades são produzidas e organizadas de diferentes maneiras. Ele é maleável, flexível, formado por diversos hábitos, valores e práticas, estando, portanto, inscrito na história. É por não ser um dado natural, que as técnicas de poder investem sobre sua materialidade e forças (Altmann & Martins, 2001, p. 1).

Esse corpo é normalmente colocado como um alter ego consagrado na sociedade, uma auto-admiração. Sendo assim, há uma fragmentação do corpo de tal forma que o organismo perde sua totalidade, podendo ser afirmado que as peças dessa máquina perfeita são substituíveis (Siqueira & Mendes, 2009, pp. 2-3).

Nestes excertos é possível identificar alguns aspectos importantes. O primeiro é compreender que em alguns dos estudos, a compreensão de corpo máquina ou de corpo organismo aparece mais como uma denúncia do que como um anúncio. A partir de Medeiros (1999), ao se discutir o corpo em pesquisas, podem ser identificadas duas formas centrais de análise. Uma que é denominada de denúncia e a outra como anúncio. Na denúncia, não se pretende confirmar certa concepção de corpo, mas, ao contrário, apresentar esta análise como um problema. Por outro lado, nos anúncios, o corpo organismo/máquina é asseverado como adequado.

Nas análises acima, infere-se que ambas as condições se manifestam. No caso dos estudos de Rodrigues (1997) e de Siqueira e Mendes (2009), identifica-se certo anúncio, pois, entende-se das passagens analisadas que há uma defesa do corpo máquina e do corpo como organismo, respectivamente. Por outro lado, o estudo de Altmann e Martins (2001) demonstra em seu diálogo com o filósofo francês Michel Foucault, a denúncia de que o corpo é visto em sua condição de máquina em um primeiro momento, e de organismo em um segundo momento, como forma de se estabelecer uma biopolítica sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre o próprio ser humano.

Ao se olhar para o corpo como máquina, observa-se a menção a Descartes, filósofo e matemático francês do século XVII, que foi citado por Rodrigues (1997), sendo este, um autor importante neste debate, tanto pela obra *Discurso do método*, como na obra *Meditações metafísicas* (Descartes, 2005; 2006).

Verifica-se uma defesa do corpo como máquina quando Descartes (2006, p. 44) diz:

Considerava-me, primeiramente, como tendo um rosto, mãos, braços, e toda essa espécie de máquina composta de ossos e carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo [...]. No que tange ao corpo, não duvidava de modo algum de sua natureza; pois pensava conhecê-la muito distintamente.

Nesta passagem, Descartes (2006) demonstra a sua compreensão de corpo, apontando para o fato de que mesmo tendo compreensão da existência do rosto, das mãos, dos braços, entre outros, o entende com uma espécie de máquina. Outro ponto de proeminência é o fato de ele ver um corpo como vê um cadáver. Esta é uma análise que será demonstrada séculos mais tarde por Adorno e Horkheimer (1985, p. 218), quando dizem no texto *Interesse pelo corpo*, presente na obra *Dialética do esclarecimento*, que não “[...] se pode mais converter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*)”.

Outro autor que fala do ser humano e do corpo como uma máquina é La Mettrie (1865, pp. 37-38, tradução nossa), o qual se expressa assim:

O corpo humano é uma máquina que ele mesmo monta suas molas; viva imagem do movimento perpétuo. Que os alimentos mantenham o que a febre excita. Sem eles, a alma enfraquece, fica furiosa e morre abatida. É uma vela cuja luz volta à vida quando morre. Mas alimente o corpo, despeje em seus cachimbos de sucos vigorosos, licores fortes: então a alma, generosa como eles, se arma com coragem orgulhosa, e o soldado que a água o teria feito fugir, tornam-se ferozes, correm alegremente até a morte ao som de tambores. Isso é, já que a água quente agita o sangue que a água fria havia acalmado.

Essa perspectiva de La Mettrie se apresenta também em outros autores como é o caso de Bittencourt e Bassalo (2021, p. 12), os quais identificam em sua investigação empírica, a seguinte verbalização dos participantes:

[...] ‘dependendo do assunto específico [...] pode ser de certa forma uma máquina pode ser um instrumento pode ser várias coisas’. [...] e, refletindo acerca da complexidade da pergunta sobre como entende o corpo, demora cerca de quatro segundos para então iniciar sua resposta e afirmar que a definição de corpo está sujeita a um ‘assunto específico’, mas que, de certo modo, ele é uma ‘máquina’ e pode ‘ser várias coisas’, o que denota a noção de corpo útil, funcional e disciplinado para ser utilizado como instrumento de trabalho, de vigilância e de exame.

Além de se compreender neste aspecto o corpo como uma máquina, não se pode deixar de mencionar a concepção de corpo como organismo, a qual foi apresentada no estudo de Siqueira e Mendes (2009), sendo estas concepções muito próximas das ciências biológicas. Entre os autores clássicos da filosofia, é o positivista Auguste Comte que apresenta esta compreensão nitidamente de um organismo. Diz Comte (1978, p. 434): “Os seres vivos são necessariamente corpos, que, apesar da sua maior complicação, seguem sempre as leis mais gerais da ordem material, cuja preponderância imutável domina todos os fenômenos próprios deles, sem, todavia, anular nunca a espontaneidade dos mesmos”.

Para além de Comte, na obra *Escritos sobre a Medicina*, Georges Canguilhem, médico e filósofo francês do século XX, demonstra que o organismo “[...] é a estrutura anatomo-fisiológica do ser humano”, e complementa dizendo que o “[...] corpo humano vivo é o conjunto de poderes de um existente tendo capacidade de avaliar de se representar a si mesmo esses poderes, seus exercícios e seus limites” (Canguilhem, 2005, p. 41).

Como forma de trazer um ponto de interrupção deste debate sobre corpo enquanto organismo, ainda nos é possível dialogar com esse médico francês quando diz ser o corpo, simultaneamente um dado e um produto. Para Canguilhem (2005, p. 42), o corpo é um dado “[...] uma vez que é um genótipo, efeito a um só tempo necessário e singular dos componentes de um patrimônio genético”. Todavia, o corpo pode ser também um produto em “[...] sua atividade de inserção em um meio característico, seu modo de vida escolhido ou imposto, esporte ou trabalho, contribui para dar forma a seu fenótipo, ou seja, para modificar sua estrutura e, por conseguinte, para singularizar suas capacidades”.

Outra categoria encontrada, a partir das concepções de corpo analisadas, foi a de corpo sujeito/corporeidade. Esta categoria foi identificada em algumas passagens como as que se seguem:

‘Corporeidade é a referência básica existente do homem como ser no mundo, diante dos aspectos sociais, políticos, ideológicos, religiosos, éticos, educacionais e outros’ (Merleau-Ponty) (Alencar & Cavalcanti, 1997, p. 1311).

Com o advento da República houve, no Brasil, a necessidade de se estabelecer uma nova ordem social inspirada no projeto de modernização dos países europeus [...]. De acordo com a visão dos republicanos, a população mineira dessa época era em sua maioria pobre, analfabeta, doente, fraca, e sendo assim não atendia às perspectivas do novo modelo de cidadão que se pretendia formar. Era preciso estabelecer, o mais rápido possível, novos valores e uma nova corporeidade (Oliveira, 2003, p. 1).

O homem é a sua corporeidade, é movimento criativo que possui possibilidades ilimitadas de vivências significativas. Nessa perspectiva, a corporeidade é uma relação de totalidade, e o ser humano, sendo sua corporeidade, se expressa sempre de forma original, criativa e intencional (Surdi, Pereira, Assis, & Kunz, 2011, p. 7).

Nas três passagens mencionadas acima, a constituição de um corpo sujeito, conforme prevê Merleau-Ponty (2011), é feita a partir da corporeidade de cada ser. É interessante destacar nesta concepção de como a construção da corporeidade se aproxima da perspectiva fenomenológica, sendo esta a perspectiva teórica explícita no trabalho de Surdi *et al.* (2011). Segundo o filósofo francês:

O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, a **contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento**. Eis por que eles obstruem a consciência e são opacos para a reflexão (Merleau-Ponty, 2011, p. 342, grifos nossos).

Merleau-Ponty retoma a ideia de corporeidade em outra passagem ao afirmar que:

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa **corporeidade**, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das ‘explicações’ naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade (Merleau-Ponty, 2011, p. 580, grifo nosso).

Por último, é apresentado a concepção que trata do corpo como expressão da identidade/simbólico. Abaixo alguns excertos para se compreender melhor esta concepção:

O corpo é a própria pessoa. Mais do que identidades sociais, máscaras ou personagens adotadas, mas até mesmo do que as ideias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe vida privada que não suponha o corpo (Grunenvaldt, 1997, p. 1402).

O corpo é, de acordo com Sant’Anna (2001), ‘biocultural’, visto que é território biológico e simbólico que pode revelar e, ao mesmo tempo, esconder traços de sua subjetividade e de sua fisiologia. Por isso, ao pesquisar sobre o que é desconhecido no corpo, torna-se inviável separá-lo tanto da natureza quanto de seu contexto histórico e cultural. Por ser finito, pois acompanha o indivíduo desde seu nascimento até a sua morte, o corpo é sujeito de inúmeras transformações, nem sempre desejáveis ou previsíveis (Vasconcelos, 2005, p. 1241).

Há uma esperança no imaginário social que o corpo concretize uma identidade, sem ambiguidades e inconstâncias, isto é, que o corpo mostre as ‘marcas’ biológicas como identidade fixa e normal. Contudo, o processo é complexo e essa dedução pode ser equivocada porque os corpos são significados pela cultura e, continuamente, alterados. Conforme Sau (1993, p.19) ‘(...) tudo é natural inclusive a ‘cultura’, mas num sentido amplo tudo é cultural, inclusive a ‘natureza’(...)’ (Costa, 2013, p. 2).

Verifica-se, que nos períodos de Generalização e de Consolidação a concepção de corpo como identidade ou simbólico é contemplada, contudo, no período do Reconhecimento, isto não ocorre, demonstrando que durante este tempo a ideia de corpo como expressão da identidade ou como elemento simbólico não se estabelece teoricamente no CONBRACE. Sobre a identidade, Takaki e Bassani (2016, p. 91) afirmam que:

A imagem que esse corpo transmite é capaz de expressar inúmeros significados, voluntários ou não, que acabam por classificar, elegendo certos indivíduos a determinados grupos, selecionando os estranhos, agregando para si seus semelhantes. O corpo e as identidades caminham juntos quando pensamos nas funções que acabam desempenhando em nosso tempo.

Esta passagem, de Takaki e Bassani (2016), traz o debate da identidade que dialoga de modo próximo com o estudo de Costa (2013). Este ponto é importante para se analisar como em algumas perspectivas teóricas, a construção da identidade é importante. Em relação à construção de um corpo simbólico, o diálogo se realiza por perspectivas como da citação a seguir:

O corpo simbólico vai se formando pela incorporação de significantes, desde as primeiras identificações. Trata-se mesmo de uma ‘in-corpo-ração’, ou da introdução, no corpo, de significantes dirigidos e/ou associados ao futuro sujeito – desde seu nascimento ou mesmo antes de ele nascer – que vão criando um campo simbólico propício ao desenvolvimento de um sujeito [...]. A instância simbólica, ou seja, as palavras advindas dos outros, vai animar o corpo real, no sentido original, de *animare*, do latim: dotar de vida (*animus*: espírito, energia, coragem, audácia, vontade, desejo e paixão). Como é um corpo simbólico, ‘este corpo falado não escapa às regras da semântica e da sintaxe – faz-se objeto de condensações e deslocamentos’ (Nacht, 2000, p. 208) – e é passível de associações e de interpretação (Víctora, 2015, p. 46).

A partir da compreensão de Víctora (2015), temos que o corpo simbólico é constituído por meio de linguagens e interações pessoais e dependentes de interpretação. Mais concepções de corpo também foram encontradas ao longo do estudo, tais como: objeto, social, fragmentado/fronteira, histórico, aparência/estética, sagrado, subjetividade, totalidade, artificial/virtual, político, antropológico, espetáculo, coisificado, poder/controle, entre outras. Tais categorias têm ganhado constância na produção sobre o corpo.

Além disso, cada uma delas podem evidenciar uma perspectiva epistemológica distinta, as quais não foram discutidas aqui, pois, em algumas situações existem divergências quanto à análise de certos autores, uma vez que, vários grupos de pensadores acreditam que ao não se posicionarem epistemologicamente e não se vincularem a determinadas tradições do pensamento, conseguem debater o objeto, neste caso o corpo, com autores que julgam mais interessantes de forma independente.

Contudo, concorda-se com a postura apresentada por Gamboa (2017), quando se analisa a produção do conhecimento. Para ele, toda produção pode ser situada do ponto de vista: teórico – os autores que são usados como referência, sejam eles clássicos ou atuais –; epistemológico – quando debate o conhecimento a partir dos paradigmas epistemológicos –; gnosiológico – indicando a relação com teorias mais críticas ou tradicionais [racionalidade instrumental ou comunicativa] –; e ontológico – relacionado à compreensão que se tem de ser humano –.

Também há um número significativo de produções sem uma concepção clara de corpo. Este ponto é interessante pelo seguinte fato de as produções usarem o termo corpo como um jargão, entretanto, conforme foi visto ao longo desta pesquisa, as concepções são múltiplas. Este fator também nos aponta para a necessidade de análises posteriores.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisou as concepções de corpo presentes no CONBRACE no período de 1997 a 2017. A partir dos resultados coligados pôde-se observar que as principais concepções de corpo estão relacionadas às de corpo cultural; corpo existencial; corpo organismo/máquina; corpo sujeito/corporeidade; e corpo identidade/simbólico, as quais demonstram uma forte aproximação deste debate com as perspectivas das ciências humanas, sociais, a filosofia e as artes em todo o período investigado.

Contudo, infelizmente ainda existem estudos que apresentam o corpo apenas como um organismo/máquina, isto é, um objeto disciplinado e fragmentado, em que existe um debate aproximado com as ciências duras, embora os GTTs analisados busquem aproximar as suas pesquisas das ciências moles. Ainda, cabe destacar o fato da presença teórica de autores positivistas como, por exemplo, Comte (1978), que é uma importante referência na filosofia e na sociologia e que considera o corpo um organismo.

Registra-se, que não foi possível identificar a concepção de corpo em um número significativo de trabalhos – 75 no total –, demonstrando que as pessoas que discutem o tema já o entendem por um lugar comum ou que não há clareza da importância da concepção de corpo em relação à Educação Física, o que sugere a necessidade de novos estudos sobre tal problemática.

Importante dizer a respeito dos principais autores encontrados nesta análise, pois, com isso, é possível localizar a região de produção do conhecimento. Deve-se registrar que os achados desta pesquisa não demonstram uma relação linear entre o número de trabalhos sobre o corpo e o número de PPGs por região do Brasil. Este dado sugere algumas possibilidades. A primeira, que não foi analisada, está relacionada às linhas de pesquisa dos PPGs. A segunda, diz respeito aos grupos de pesquisa sobre corpo distribuídos pelo Brasil, os quais não foram identificados nesta pesquisa, mas estão presentes em outros estudos (Alencar, 2014; Lüdorf *et al.*, 2014; Viana & Farias, 2014; Vilarinho Neto *et al.*, 2014; Wenzel *et al.*, 2014).

Ao se localizar os principais autores de cada período, esta pesquisa demonstrou a distribuição geográfica dos estudos e dos nomes importantes de cada período. Se por um lado, esses pesquisadores confirmam o prestígio dos PPGs no Sudeste, por outro, apresentam a forte influência do Nordeste, sobremaneira da UFRN neste tema.

No período de Consolidação houve uma quantidade bem significativa de comunicações orais advindas do Centro-Oeste. Isto se deve, provavelmente, ao fato de que o CONBRACE de 2017 – último ano desta análise – ocorreu na cidade de Goiânia, contudo, é preciso um acompanhamento dos dados para saber como se consolidam tais informações ao longo do tempo, haja vista, a presença de edições anteriores do CONBRACE em outras regiões não ter sido um fator central de aumento da produção no tema. Ademais, alguns grupos como o Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON) da Universidade de Brasília (UnB), coordenado pela professora Dulce Maria Figueira de Almeida e o Grupo

Corpo, Educação e Cultura (COEDUC) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), organizado pela professora Beleni Salete Grando, têm participado ativamente da produção do GTTCC, sobremaneira a partir de 2005.

Em conclusão, este estudo analisou e apresentou variadas tendências, as quais, apenas a realidade e a história como critérios da verdade poderão confirmar.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Zahar.
- Alencar, J. C. P. M. (2014). A produção do conhecimento sobre a temática Corpo e Cultura: um panorama da região Norte do Brasil. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 21-38. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9229>
- Alencar, L. K., & Cavalcanti, K. B. (1997). A prática da natação e a mudança da imagem corporal em pessoas portadoras de deficiência física. In *X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1309-1316). Goiânia: CBCE.
- Altmann, H., & Martins, J. (2001). Configurações contemporâneas do corpo e sua historicidade. In *XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-8). Caxambu: CBCE.
- Baptista, T. J. R., & Lüdorf, S. M. A. (2014). Editorial – Corpo, cultura e Educação Física no BRASIL: panorama da produção científica na atualidade. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 2-4. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9227>
- Baptista, T. J. R., Silva, M. C. P., Rigoni, A. C. C., Wenez, I., Alencar, J. C. P. M., Saneto, J. G., Viana, R. N. A., Lüdorf, S. M. A., & Vilarinho Neto, S. (2015). A Produção sobre Corpo e Cultura: um olhar sobre a produção no CBCE de 2007 a 2013. In Rechia, S., Silva, P. C. da C., Almeida, F. Q. de, Chaves-Gamboa, M. F., Góis Junior, E., Ortigara, V., Tartaruga, M. P., & Pacheco Neto, M. (Orgs.). *Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física* (pp. 419-438). Unijuí.
- Bittencourt, D. R., & Bassalo, L. de M. B. (2021). O corpo é voz, mas na educação física não: compreensões sobre corpo na formação docente. *Educação & Formação*, 6(2), e4091. <https://doi.org/10.25053/redufor.v6i2.4091>
- Brasil (2021). *Cursos avaliados e reconhecidos por Área de Avaliação: Educação Física*. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=21>
- Brito, J. C. de, Lima, M. M., & Baptista, T. J. R. (2021). O debate sobre o corpo no CONBRACE: de 1997 a 2017. In *XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-8). Belo Horizonte: CBCE.
- Canguilhem, G. (2005). *Escritos sobre a Medicina*. Forense Universitária.
- Castellani Filho, L., Soares, C. L., Taffarel, C. N. Z., Varjal, M. E. M. P., Escobar, M. O., & Bracht, V. (2012). *Metodologia do ensino de educação física*. Cortez.
- CBCE (2018). *Estatuto*. Colégio Brasileiro de Ciências Do Esporte. <https://www.cbce.org.br/estatuto/>
- Coimbra, D. R., Dominski, F. H., Correia, C. K., & Andrade, A. (2019). Scientific production in Sports Science Journals: bibliometric analysis. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 25(1), 88-93. <https://doi.org/10.1590/1517-869220192501208554>

- Comte, A. (1978). *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. Abril Cultural.
- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2008). *História do Corpo: da renascença às luzes*. Vozes.
- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2009a). *História do Corpo: da revolução à grande guerra*. Vozes.
- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2009b). *História do Corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vozes.
- Correa, J. A. G. (2009). Sobre máscaras e coroas: notas sobre a variabilidade da experiência corporal no circuito festivo de Justinópolis. In *XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-11). Salvador: CBCE.
- Correia, E. S., & Almeida, F. Q. de (2020). Por uma Educação Física da ordem da potência: o que pode o corpo em movimento? *Motrivência*, 32(61), 1-19. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e61739>
- Costa, M. R. (2013). Gênero e sexualidade. In *XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-9). Brasília: CBCE.
- Daolio, J. (2004). *Educação Física e o conceito de cultura*. Autores Associados.
- Daolio, J. (2005). *Da cultura do corpo*. Papirus.
- Descartes, R. (2005). *Meditações metafísicas*. Martins Fontes.
- Descartes, R. (2006). *Discurso do método: regras para a direção do espírito*. Martin Claret.
- Fassheber, J. R. M. (2001). A Construção Cultural do Corpo em uma Sociedade Jê Meridional. In *XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-9). Caxambu: CBCE.
- Fernandes, S. C., & Altmann, H. (2020). A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas. In Ileana Wenzel, I., Athayde, P., & Lara, L. (Orgs.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física* (pp. 31-45). EDUFRN.
- Gama, A. C. V. (2019). *Implicações sociais da formação profissional do bacharelado em educação física sobre a compreensão de corpo, estética e educação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório Institucional da UFG. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9998>
- Gama, A. C. V., & Baptista, T. J. R. (2020). O tema “imagem corporal” nas publicações do Scientific Electronic Library Online – SciELO: revisão integrativa. *Revista Ciências em Saúde*, 10(1), 52-59. <https://doi.org/10.21876/rcshci.v10i1.836>
- Gamboa, S. S. (2017). Métodos mistos nas análises epistemológicas: balanço da produção do conhecimento em Educação Física no nordeste brasileiro (1980-2013). In Chaves-Gamboa, M. F., Gamboa, S. S., & Taffarel, C. N. Z. (Orgs.). *Produção do conhecimento na Educação Física no nordeste brasileiro: o impacto dos sistemas de Pós-Graduação na formação dos pesquisadores da região* (pp. 26-37). Librum.
- Grando, B. S., Daolio, J., Falcão, J. L. C., Silva, O. G. T., Barbosa, R. G., Goedert, R., & Brauner, V. L. P. (2007). Trajetórias e Perspectivas do GTT Corpo e Cultura. In Carvalho, Y. M., & Linhales, M. A. *Política científica e produção do conhecimento em Educação Física* (pp. 175-195). CBCE.

- Grunenvaldt, A. C. R. (1997). Educação Física feminina – a beleza e vigor a perspectiva da Escola Normal de Sergipe. In *X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1402-1405). Goiânia: CBCE.
- Kowalski, M., & Ferreira, M. B. da R. (2005). Apontamentos sobre o povo indígena. *XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 950-958). Porto Alegre: CBCE.
- La Mettrie, J. O. de (1865). *L'Homme machine: avec une introduction*. Galérie D'Orleans.
- Lüdorf, S. M. A., Silva, G. da M., Baptista, G. G., Castro, P. H. Z. C. de, & Silva, A. C. (2014). A produção do GTT Corpo e Cultura no CONBRACE: retratos da região Sudeste. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 77-98. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9232>
- Manoel, E. de J., & Carvalho, Y. M. de (2011). Pós-Graduação na Educação Física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. *Educação e Pesquisa*, 37(2), 389-406. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000200012>
- Mauss, M. (2013). *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naify.
- Medeiros, F. E. de (1999). Concepções de corpo em livros de Educação Física: uma leitura em obras de autores brasileiros publicadas nos anos de 80 e 90. In *XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis: CBCE.
- Medina, J. P. S. (2009). *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Papirus.
- Medina, J. P. S. (2010). *A Educação Física cuida do corpo... e "mente"*. Papirus.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção*. WMF Martins Fontes.
- Moehlecke, M., Blume, C. A., Cureau, F. V., Kieling, C., & Schaan, B. D. (2020). Autoimagem corporal, insatisfação com o peso corporal e estado nutricional de adolescentes brasileiros: um estudo nacional. *Jornal de Pediatria*, 96(1), 76-83. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2018.07.006>
- Moraes, V. R. A. de, & Guizzetti, R. A. (2016). Percepções de alunos do terceiro ano do Ensino Médio sobre o corpo humano. *Ciência & Educação*, 22(1), 253-270. <https://doi.org/10.1590/1516-731320160010016>
- Moral-Agúndez, A. del, & Carrillo-Dúran, M. (2020). Body-cult television advertisement recall among young women suffering from anorexia nervosa or bulimia nervosa. *Saúde e Sociedade*, 29(1), e170418. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020170418>
- Moreira, W. W. (2003). Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 11(3), 85-90. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/515/540>
- Okubo, Y. (1997). *Indicateurs bibliométriques et analyse des systèmes de recherche: méthodes et exemples*. OCDE. [https://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=OCDE/GD\(97\)41&docLanguage=Fr](https://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=OCDE/GD(97)41&docLanguage=Fr)
- Oliveira, M. C. (2003). Ginástica historiada por Guiomar Meirelles Becker. In *XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-8). Caxambu: CBCE.
- Rodrigues, R. (1997). De René Descartes a Marcel Mauss: apontamentos sobre a educação do corpo. In *X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1584-1588). Goiânia: CBCE.

- Santin, S. (2003). *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Unijuí.
- Santos Filho, J. C. dos, Gamboa, S. A. S. (1997). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. Cortez.
- Schwengber, M. S. V. (1997). O silêncio e as falas dos corpos-sujeitos nas práticas de Educação Física de uma escola pública. In *X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 225-230). Goiânia: CBCE.
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.
- Silva, A. C. (2017). *Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica*. Paco Editorial.
- Silva, M. C. de P. (2014). Saberes e sabores do corpo esportivo no tempo presente: imagens e reflexos do esporte olímpico. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 155-181. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9236>
- Siqueira, F. C., & Mendes, M. C. D. G. (2009). Imagens de Apolo e Afrodite nos templos contemporâneos. In *XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-13). Salvador: CBCE.
- Soares, C. L. (2007). Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. *Movimento*, 9(3), 125-147. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2814>
- Surdi, A. C., Pereira, D. A., Assis, M. del P., & Kunz, E. (2011). A dança como movimento humano significativo. In *XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1-11). Porto Alegre: CBCE.
- Takaki, N., & Bassani, J. J. (2016). Corpo e identidade: dialogando com Zygmund Bauman e Michel Maffesoli. In Zoboli, F., Silva, R. I. da, & Bordas, M. A. G. (Orgs.). *Corpo e governabilidade* (pp. 45-95). UFS.
- Vasconcelos, R. V. (2005). Representações sobre o papel do corpo feminino: o discurso de praticantes de atividade física. In *XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (pp. 1240-1250). Porto Alegre: CBCE.
- Viana, R. N. A., & Farias, M. J. A. (2014). Mapeamento da produção de conhecimento da região Nordeste no Grupo Temático de Trabalho “Corpo e Cultura” do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2005 – 2012). *Arquivos em Movimento*, 10(1), 39-56. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9230>
- Víctora, L. G. (2015). Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 49, 44-56.
- Vigarello, G. (2006). *História da Beleza*. Ediouro.
- Vilarinho Neto, S., Baptista, T. J. R., Silva, A. P. M., Leocádio, C., & Silva, L. R. T. e (2014). Balanço da Produção do Conhecimento sobre Corpo e Cultura: o Centro-Oeste em questão. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 57-76. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9231>
- Wenetz, I., Werle, V., & Araújo, A. M. A. de (2014). Balanço da produção de conhecimento sobre o Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura – Região Sul. *Arquivos em Movimento*, 10(1), 99-121. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9233>
- Wolf, N. (2021). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são contra as mulheres*. Rosa dos Tempos.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1 – Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, visualização, redação (rascunho original) e redação (revisão e edição).

Autor 2 – Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, supervisão, validação, visualização, redação (rascunho original) e redação (revisão e edição).

Autora 3 – Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, validação, visualização, redação (rascunho original).

Autora 4 – Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, validação, visualização, redação (rascunho original).

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.